



es ley

2020: o ano que (des)construiu nossas perspectivas, nossas vidas, nossos lutos

O ano de 2020 está marcado historicamente por (im)potências políticas e civis e pelas adversidades ocorridas no mundo. Temas não faltarão para futuras análises de historiadores/as, antropólogos/as, sociólogos/as, psicólogos/as e todos/as os/as intelectuais que se interessam pelos rumos da humanidade e humanitários.

As pautas de 2021 ganharam relevância dramática frente ao futuro cheio de incertezas. No âmbito internacional, o planeta lançou os seus holofotes para as tramas que pautaram as eleições dos Estados Unidos da América (EUA), tentando compreender como as cores que pintam a democracia estadunidense, por vez, foram polarizadas entre a soberba e a esperança.

As mentiras, contadas pelo então presidente dos EUA, continuam sendo a tônica da sua atuação, mesmo após a sua derrota. Agora? Lançou-se dúvidas sobre a vitória do candidato opositor, Joe Biden, e da sua vice, Kamala Harris, primeira mulher a chegar ao alto escalão de poder do referido país, com a intenção de deslegitimar o sistema de votos do país. Não esqueçamos que, segundo matéria publicada pelo *The Washington Post*, o presidente proferiu mais de 20 mil declarações falsas ou enganosas em pouco mais que 1200 dias.

Não podemos deixar de mencionar a invasão ao Capitólio, ocorrida no dia 06 de janeiro de 2020, insuflada pelo Donald Trump, numa tentativa de impedir a confirmação da vitória do democrata Biden. O saldo? Cinco pessoas mortas, os EUA divididos, o mundo assistindo incrédulo a negação da democracia em terras americanas.

As mentiras, agora, denominadas de *Fakes News*, rapidamente disseminadas pelas redes sociais, carregam consigo um potencial destruidor de sistemas sócio-políticos e de reputações pessoais.

O Brasil, comandado pelo atual presidente, leva à risca essa lógica agressiva de (des)fazer a política e tudo de importante que ela representa. Por essas bandas de cá, as estratégias narrativas invocadas pelo mandatário turvam os ares da razoabilidade constantemente e provocam tensões, desgastes e destruições no campo da política pública



e dos direitos humanos. As crises são cotidianas, as instituições estão fragilizadas, o país bambeia em uma corda à beira de um precipício. As vidas efetivamente não importam, afinal, nas palavras ditas, “*somos um país de maricas*”, como se o termo nos diminuísse. O presidente sabe a grandeza que é ser “*maricas*” nesse Brasil que assassina LGBTQI+ e mulheres diariamente. Saiba que somos todas maricas! Abominamos todas as frases e ações violentas que agridem a nós brasileiros/as e não toleramos LGBTfobias, racismo, sexismo, capacitismo, xenofobias ou qualquer que seja o tipo de violência perpetrada em nossa sociedade.

Cabe registrar que essas falas e atitudes violadoras não foram moldadas agora. Fazem parte de um projeto de poder que se sustenta na exposição visceral do que o Brasil tem de pior, e que pode ser exemplificado através da análise do caso da Mariana Ferrer, jovem que denunciou ter sido estuprada por André Camargo de Aranha. A violência sexual sofrida por Mariana não parou no ato, a vítima continuou a ser violentada pelo sistema de justiça catarinense.

A divulgação do vídeo da audiência judicial pela imprensa mostrou uma cena de terror e causou um tsunami de indignação na sociedade brasileira, mas, lamentavelmente, para muitas estudiosas das violências sexuais e dos sistemas de justiça criminal, casos como o de Santa Catarina se repetem pelo Brasil, de norte a sul, causando pouca surpresa do ponto de vista científico, conforme já pontuam, VARGAS (2004); COSTA (2008), CERQUEIRA e COELHO (2014) e COSTA, GROSSI e MACARRO (2016).

Mas também há muita resistência. Como todos/as sabemos, muito se veicula sobre a violência, a criminalidade e a LGBTfobia nas periferias do Brasil. Se tomarmos as matérias de jornais e programas policiais sensacionalistas, observaremos como essas narrativas pululam em suas páginas e lentes. No entanto, se olharmos com a devida atenção e além dessa névoa racista e classista que nos constrói uma imagem distópica das comunidades populares deste país, veremos que elas não se resumem à violência e criminalidade. Muito além disso, as periferias constantemente vem mostrando projetos e ações transformadoras, exemplos de coletividade, afeto e engajamento social. A capa desta edição faz referência a uma dessas ações que, no dia 11 de outubro de 2020, virou notícia em vários jornais e viralizou nas redes sociais. Nesse dia, vizinhos e vizinhas da Avenida Edna, no Complexo Nordeste de Amaralina, bairro popular e populoso de Salvador, entraram nas redes sociais pelo simbólico gesto de pintarem as escadarias da rua com as



cores do arco-íris, em homenagem a um de seus moradores, o estudante do Bacharelado em Gênero e Diversidade da UFBA, Igor Leonardo de Santana Torres, que, no mês seguinte, viria a defender a sua monografia intitulada “Conflitos e Ação Política nos Movimentos LGBTQ de Montréal/Québec e Salvador/Bahia”. A história começou com a ideia da mãe de exibir a defesa em um telão na rua. Juntando o útil ao agradável, ela decidiu juntar todos e todas para dar uma repaginada no visual da rua aproveitando para deixá-la a caráter para o grande evento. Assim, logo ela obteve o engajamento dos vizinhos e vizinhas que não só viam naquela pintura um embelezamento físico, mas uma demonstração de carinho, afeto e reconhecimento. Desta forma, diferente do ódio que tem tomado esse país, são nas periferias que aparecem as melhores respostas, as quais temos que escutar com atenção e aprender.

No mês seguinte, em novembro, ocorreram as eleições municipais do Brasil. Milhares de eleitoras/es foram às urnas e traçaram, através de suas escolhas, os caminhos que trilharemos nos próximos 04 anos em nossas cidades. Essas escolhas também poderão pautar as eleições presidenciais de 2022. Quiçá, assim como ocorreu com as eleições presidenciais nos EUA, possamos, aqui, virar o jogo e mostrar que a democracia se constrói processualmente e que estamos atentas/os à necessidade de (re)construção do pautas sociais e políticas, arduamente conquistadas, mas que, no momento atual, estão sendo destruídas por grupos políticos que não se interessam pelo bem coletivo.

Essas eleições deixaram uma marca significativa para a história do Brasil, finalmente teremos mais representatividade e diversidade nas câmeras municipais, com a vitória de candidatas LGBTQI+, entre as mais votadas nos pleitos em que concorreram, como exemplo, citamos Linda Brasil, a candidata que ficou em primeiro lugar na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, Duda Salabert, a mais votada para a Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, Minas Gerais e Dandara, também a mais votada no município de Patrocínio Paulista, em São Paulo. O ano de 2020 nos ensinou que devemos eleger mais mulheres, mais mulheres negras, mais LGBTQI+, mais quilombolas, mais indígenas, enfim, mais pessoas com ampla vontade de lutar por um Brasil com justiça social.

No Brasil de 2021, onde paira o desmando, as chantagens explícitas, a destruição ambiental, a negação científica, a politização da saúde e da COVID-19 e da sua vacina, e mais todas as formas de violências que vivenciamos e sentimos na pele, ainda pode ser o país com a possibilidade de se reerguer e recuperar a importância política



internacional que um dia já teve; continuaremos a gritar e a lutar por um país mais solidário, menos desigual, através do qual as cores do arco-íris estejam projetadas em todas as telas que contam a história de potência e superação do nosso povo.

Finalizamos com nosso LUTO pelas mais de 217 mil vidas perdidas.

Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA

Felipe Bruno Martins FERNANDES

Mariângela Moreira NASCIMENTO

Referências

CERQUEIRA, Daniel. COELHO, Danilo. *Estupro: Uma radiografia segundo dados da saúde*. Nota Técnica. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada, Brasília, 2014.

COSTA, Patricia. *Entre o Fato e a Lei: representação, justiça e gênero no crime de estupro*. Guarapari-ES, Ex Libris, 2008.

COSTA, Patrícia; GROSSI, Miriam; MACARRO, Maria José. “NÃO DÓI O ÚTERO E SIM A ALMA”: A violência sexual que fere, que mata, que dilacera as mulheres do Brasil. *Caderno Espaço Feminino* - Uberlândia-MG - v. 29, n. 2 – Jul./Dez. 2016 – ISSN online 1981-3082.

VARGAS, Joana. *Estupro: que justiça? fluxo do funcionamento e análise do tempo de justiça criminal para o crime de estupro*. 307p. Tese (Doutorado em Sociologia)- Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Ciências Humanas, Sociologia. Rio de Janeiro, 2004.